

MARGARIDA COUTO

Presidente do GRACE - Empresas Responsáveis

“ Não consigo pensar numa estratégia de sustentabilidade, completa e integrada, que exclua a dimensão das pessoas

Margarida Couto é presidente do GRACE - Empresas Responsáveis desde 2018 e deixará essas funções em abril. À RHmagazine conversou sobre a forma como as empresas olham para a sustentabilidade e qual o papel dos RH neste processo.

Tendo em conta que o reporte da sustentabilidade vai ser posto em pé de igualdade com o financeiro e vai ser obrigatório para um maior número de empresas, é fundamental que as empresas comecem pelo final de linha que é ter uma estratégia.

Este reporte, baseado no formato standard europeu, está organizado em três pilares: E-Environment/Ambiente; S-Social; e G-Governance. E dentro do S-Social está a força de trabalho. Não consigo pensar numa estratégia de sustentabilidade, completa e integrada, que exclua a dimensão das pessoas. É importante que os colaboradores se revejam nesta estratégia e que gere orgulho institucional, engagement, além da vontade de estar na empresa e evoluir.

Quer partilhar conselhos de como as empresas podem incentivar uma mentalidade sustentável entre os colaboradores?

Um diretor de RH que esteja sem saber como incorporar estes temas, um bom começo pode ser pelo fim, nomeadamente, ir ao standard europeu e ver “quando chegar ao fim do exercício, quais são os KPI que este standard me obriga a relatar?”. Diversidade de género, integrar pessoas com deficiência, formação em sustentabilidade,

sustentabilidade como fator de competitividade” foi o mote do 1º Congresso do GRACE, realizado em 2023.

Em relação ao tema da sustentabilidade, considera que a visão das empresas sofreu alguma mudança nestes últimos anos?

O 1.º congresso do GRACE veio mostrar que, em primeiro lugar, tudo está a mudar e é crescente o número das empresas que estão a olhar para estes temas. Além disso, estão a começar a compreender que a sustentabilidade é um fator de competitividade. Deixou de ser um “nice to have” para ser um “must have”.

Atualmente, as empresas já estão a ir à raiz da palavra “sustentabilidade”. Ser sustentável é ser durável, é estar cá muito tempo. E se as empresas perderem competitividade, já não vão estar cá muito tempo, não vão fazer parte do futuro.

E o congresso foi a “prova dos 9” destes dois movimentos. De facto, as empresas estão a inte-

ressar-se, crescentemente, pelo tema e isto tem sido uma tendência global. Outra tendência, já menos global, é o reconhecimento de que este é um tema estratégico para o negócio. A sustentabilidade está a entrar na agenda das empresas apesar de, em parte, motivada pela regulação.

Qual é o papel do RH na sustentabilidade das organizações?

Ainda nem todas as empresas reconhecem o papel dos RH, mas, pelo menos aquelas que vão ser obrigadas a ter um relato de sustentabilidade integrado na área financeira, talvez comecem a reconhecê-lo.

ATUALMENTE, AS EMPRESAS JÁ ESTÃO A IR À RAIZ DA PALAVRA “SUSTENTABILIDADE”. SER SUSTENTÁVEL É SER DURÁVEL, É ESTAR CÁ MUITO TEMPO. E SE AS EMPRESAS PERDEREM COMPETITIVIDADE, JÁ NÃO VÃO ESTAR CÁ MUITO TEMPO, NÃO VÃO FAZER PARTE DO FUTURO

informar da existência de pay gap entre homens e mulheres são alguns exemplos de KPI.

Estes KPI, que vai ser obrigado a relatar, permite-lhe ter uma ideia do que deve reportar. Evidentemente, que a razão não deve ser essa; devemos querer mudar a organização não para ficar bem na fotografia, mas porque isso nos vai tornar mais competitivos. Mas quando ainda estamos no início da jornada, e nunca tivemos este tipo de responsabilidade, este pode ser o ponto de partida. E a função de RH tem muito a beneficiar se souber agarrar esta oportunidade.

A missão do GRACE é ser uma plataforma de partilha e de apoio às empresas na estruturação das suas políticas de RSC e sustentabilidade. Como se tem materializado este compromisso?

Uma vez que temos mais de 300 associados, recorremos a várias estratégias e alavancas para dar resposta aos diferentes segmentos.

De uma forma mais transversal, o GRACE tem uma grande preocupação com a partilha de informação, já descodificada. Acrescentamos muito valor porque sabemos quais são os temas mais interessantes e, por sua vez, asseguramos que as empresas conseguem segmentar a sua oferta em função dos interesses.

Um outro aspeto é que somos uma plataforma que permite às empresas partilharem as suas práticas, garantido um espaço de aprendizagem comum e confortável para todos.

Por fim, e não menos importante, somos um grande construtor de pontes, preocupados em aumentar

(...) SOMOS [GRACE] UM GRANDE CONSTRUTOR DE PONTES, PREOCUPADOS EM AUMENTAR AWARENESS, LITERACIA E, COM RECURSO AO MAPEAMENTO DOS ASSOCIADOS E DA ECONOMIA SOCIAL, IDENTIFICAR A PONTE CERTA PARA CADA EMPRESA

awareness, literacia e, com recurso ao mapeamento dos associados e da economia social, identificar a ponte certa para cada empresa.

Depois de seis anos, em abril deixará de exercer funções no GRACE. Neste período, quais foram as lições mais importantes que retirou do seu papel na liderança?

Em primeiro lugar, aprendi muito mais do que ensinei, garantidamente. Tornei-me mais confiante porque aprendi in loco o poder transformador das empresas, têm tudo o que é preciso para se tornarem uma fonte do bem, sem pôr em causa o lucro. Além disso, as empresas têm uma enorme capacidade de colaborar entre si, garantindo que 1+1 é superior a 2.

Uma outra aprendizagem é que se as empresas querem estar cá no futuro, têm de perceber que as novas gerações têm diferentes necessidades das gerações anteriores. Têm de tentar compreendê-las porque são estes jovens talentos que vão contribuir para a continuação da jornada da empresa.

Estou muito grata ao GRACE e seguramente que o GRACE me deu bem mais do que algum dia serei capaz de dar de volta. Esta foi uma grande viagem, feita numa estrada de dois sentidos. 



+300

> O número total de associados (empresas) da GRACE

Margarida Couto,
Presidente do
GRACE - Empresas
Responsáveis